

Artista

Joana Patrão
(Barcelos, 1992)
Licenciada em Artes Plásticas (2014) e Mestre em Pintura (2016) pela FBAUP. Estudou na Aalto University (Erasmus+), Finlândia, onde foi selecionada para a incubadora Adaptations-Utö | Site, Stories and Sensory Methods, HIAP, Expõe desde 2014, destacando as individuais: A brisa do maremoto (Appleton [BOX], Lisboa, 2021); Céu de sal, sal da terra (Lab Box-Ar Curator Grid, curadoria de Luísa Santos, 2020). E as coletivas: Derivas e Criaturas, Novas aquisições da Coleção Municipal de Arte (Galeria Municipal do Porto, 2023); 15 anos de MACE (Cisterna de Elvas, 2022) e Como o sol/Como a noite (org. Porto/Post/Doc, 2018). Foi uma das 5 finalistas da 1ª edição da bolsaAPPLETON (2019), selecionada por Vera Appleton, Luísa Santos e Miguel Wandschneider, integra o catálogo EMERGE 2020 (www.joanapatrao.com).

Juliana Julieta
(Barcelos, 1994).

Artista visual e cineasta que trabalha na área da Pintura e Cinema Experimental. Licenciada em Artes Plásticas-Pintura (2016) pela FBAUP. Mestre em Pintura (2016-2019) pela FBAUL. Expõe desde 2014, tendo apresentado trabalhos em Portugal, Brasil, Estônia, Lituânia, Reino Unido e EUA. Em 2021 recebeu a bolsa 16mm immersive lab Casa do Xisto; em 2022 a bolsa Dear Doc, Doc's Kingdom e uma bolsa da FLAD para uma Residência Artística na Mono No Aware (NY, EUA), mostrando a sua obra na Anthology Film Archives. É membro do Laboratório da Torre e cofundadora do coletivo No Room, espaços geridos por artistas que trabalham com filme e fotografia analógicos (<https://julianajulieta.wixsite.com/julianajulieta>).

Mariana Vilanova
(Porto, 1996)

Artista plástica sediada no Porto. Licenciada em Artes Plásticas (2021) pela FBAUP e Mestre em Multimédia (2021) pela FEUP. Expõe desde 2016, destacando as exposições coletivas *As Plantas Invisíveis* (Pazo de Fonseca, Santiago de Compostela, 2023) e *Hiato* (Semibreve, Mosteiro de Tibães, 2020); e as individuais *Meteoros* (Solar, 2022), *Socastalgia* (Ócio, 2022), *We should never grow tired of trees* (Ocupa, 2022), e *Before and After Us* (RAMPA, 2021). Em 2023 apresentou *Análise de um paraíso fugaz* (Gnration, 2023), em colaboração com Marcelo Reis, resultado da residência artística *Scale Travels* no INL - Laboratório Ibérico Internacional de Nanotecnologia. Em 2019 foi vencedora do prémio *Sonae Media Art*, como membro do coletivo *Berru*, que integrou até 2020 (www.marianavilanova.com).

Juliette Menthonnex
(Suíça, 1994)

Realizadora e argumentista. Concluiu a licenciatura em cinema na ECAL (École Cantonale d'Art de Lausanne) em 2018. Realizou várias curtas metragens, entre as quais Souviens-toi hier, Sacha e The Brain, todas lançadas em 2021. O seu filme de fim de curso, Tale of the Three Flames, um documentário de 21 minutos produzido pela Luna Films e DocNomads, foi apresentado no Internationale Kurzfilmstage Winterthur e estreou no Festival Internacional de Cinema Documental e de Animação de Leipzig. (<https://tinyurl.com/bdpczct5>).

Curadora

Vera Carmo
(**Porto, 1980**)

Curadora, produtora e investigadora. Doutoranda em Artes Plásticas na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, onde é Professora Assistente Convidada. Diretora artística do projeto SAMI24, em colaboração com Susana Lourenço Marques. Tem um interesse particular nos espaços geridos por artistas, acompanhando o trabalho de autores emergentes. Coeditou a zine Mola (2018–2020), dedicada à história dos espaços independentes do Porto. Dirigiu a Rampa (2020–2023) Programou o Espaço Campanhã (2017–2019) e foi produtora na Maumaus — Centro de Contaminação Visual, em Lisboa (2008–2010). Os seus projetos curatoriais recentes incluem “Evas” (Kubik Gallery, 2024) e a cocuradoria de “Guerrilla Shout Out! Graphic Archive of Alice Neel” (Rampa, 2022). A sua investigação foca-se na história das imagens em movimento, com contribuições como a organização do “Ciclo de Cinema Experimental da UMAIA” (2023–2024), a coordenação de “Feixe de Luz: Escultura Projetada, Cinema Exposto” (Centro de Arte Oliva, 2022), a participação no projeto “CineVidearte - Catálogo de Filmes e Vídeos de Artistas Portugueses” (FBAUP/IHA/NOVAFCSH, 2019–2020) e no projeto semente “A Imagem em Movimento na Arte Portuguesa (1950–2010)” (I2ADS.2024.IMAP) (2024–2026).

PROGRAMA PARALELO

22 ABR – 18H30
Performance
Juliana Julieta

28 ABR – 17H00
Visita guiada
com Vera Carmo

22 e 23 MAR
Workshop
Juliana Julieta
Filme 16mm e revelação não-tóxica
– processos experimentais de revelação não-tóxica

EXPOSIÇÃO

curadoria
Vera Carmo

produção e assistência
Mariana Vilanova

montagem
Kiko Pedras
Marcelo Reis

design
Atelier d'Alves

apoios
Associação Earthsea
Aderno Associação
Cultural
FBAUP
IPCI
RPM Wines&Spirit

agradecimentos
Alexandre Souto
Ana Carvalho
Anjos
Casa do Xisto
Carlos Mensil
Daniel Pires
Francisca Sousa Soares
Isabel Carvalho
José Roseira
Júlio Moreira
Leonor Lloret
Mária Lucília Nogueira
Museu de História Natural e
Ciências da UP
Pedro Carneiro
Pedro Correia
Ricardo Leite
Sofia Pereira
Rui Murka

RAMPA – ASSOCIAÇÃO CULTURAL

membros
Alexandra Balona
Ana Clara Luz
Joaquim Moreno
Mariana Vilanova
Mário Moura
Nuno Coelho
Nuno de Campos
Paula Parente Pinto
Sérgio Alves
Sério Rebelo
Susana Gaudêncio
Vera Carmo

CONTATOS

Rua Particular Justino
Teixeira 116 – Armazém K
4300-394 Porto (PT)

rampacultura@gmail.com
www.rampa.pt

HORÁRIO

Quarta-feira
a Sábado
15h-19h

22.02 — 05.04.24

CURADORIA
VERA CARMO

JOANA PATRÃO
JULIANA JULIETA
JULIETTE MENTHONNEX
MARIANA VILANOVA

DESNATURADAS

DESNATURADAS	LISTA DE OBRAS
Em julho de 2023, o jornal Público noticiava a descoberta, no co-ração do Buçaco, de um fóssil raro de uma planta primitiva com cerca de 300 milhões de anos, identificado pelos paleontólogos Pedro Correia e Sofia Pereira. Citado na mesma publicação, Pe-dro Correia esclarecia: «O fóssil em questão trata-se de uma co-nífera primitiva e extinta que existiu na região de Algeriz, na serra do Buçaco, quando Portugal era um “país tropical”, durante a formação do supercontinente Pangeia, muito antes da existência dos dinossauros»¹ A referência aos dinossauros é de certo modo cómica porque subentende o desconhecimento generalizado que a maioria das pessoas possui sobre o planeta: o investigador sentiu necessida-de de mencionar esses grandes répteis que habitam o imaginário coletivo graças ao escritor Arthur Conan Doyle ou ao realizador Steven Spielberg porque são a imagem mais eficaz para evocar a imensidão do tempo geológico. Joana Patrão esteve em residência na Mata Nacional do Buça-co, experiência a partir da qual apresenta, nesta exposição, a obra <i>Equinócio</i>. A instalação evidencia a relação entre a diversidade de espécies presentes na Mata, com especial foco nos adernos de porte arbóreo e, ainda, nos vestígios de flora fóssil, com os seus desenhos gravados nas formações calcárias, traços do tempo an-terior à formação da serra, quando este território era o fundo do mar. Para a artista «a importância de uma conexão com o tempo geológico encerra um potencial reajuste de tempos e escalas de percepção, fundamental na crise climática que vivemos»² O alheamento humano relativamente à natureza não é uma condição ancestral, mas sim resultado de processos históricos es-pecíficos que, ao longo do tempo, transformaram a experiência do mundo natural. Na sociedade ocidental, sucessivas formas de me-diação da relação entre o humano e o natural consolidaram uma dicotomia artificial entre natureza e cultura, cujas raízes podem ser encontradas nas religiões monoteístas que reconfiguraram o sagrado e o posicionaram fora do mundo natural. O Antigo Tes-tamento ensina que Deus criou o homem à sua imagem e lhe deu o domínio sobre a terra. Lembre-se a este respeito, que a mencio-nada Mata do Buçaco foi local, outrora reservado exclusivamente aos homens e interdito a mulheres, sob pena de excomunhão por uma Bula do Papa Gregório XV, datada de 23 de Julho de 1622. Os movimentos seculares que, entretanto, substituíram a centralidade religiosa, não restituíram à natureza a sua agência. Pelo contrário, a sua objetivação intensificou-se sob a influência da ciência moderna. Com a ascensão do mercado como instân-cia totalizadora, consolidou-se uma nova forma de mediação: o meio natural passou a ser reduzido a mercadoria, integrado num sistema global de exploração. II «Lembras-te da Sra. Maria? Ela tinha ido a uma aldeia onde ha-via um incêndio. Foi com outra senhora para apagarem o fogo. E quando estavam de regresso avistaram três chamas. Atiraram-lhes pedras para o fogo apagar, mas começou a crescer e elas retrocederam. Então viram a sair do fogo três serpentes verme-lhas que passaram por elas»³ O excerto, retirado da curta-metragem <i>As Três Chamas</i> de Ju-liette Menthonnex lembra contos infantis onde o mal e o bem são entidades cientes. As serpentes vermelhas incarnam a imagem do mal absoluto e o incêndio, que avança sem clemência, impõe-se como metáfora do inferno. A Sra. Maria, pertence certamente a essas gentes que ainda falam com a terra e que reconhecem na paisagem algo mais do que matéria inerte. Que ainda conhecem as propriedades das plantas e sabem distinguir as que curam das que envenenam, os frutos que devem ser colhidos no momento exato do amadurecimento e aqueles que precisam de resistir à árvore	IV A urgência climática do século XXI impôs, enfim, a necessidade de uma desconstrução radical das hierarquias do conhecimento. Um dos conceitos mais radicais que emergiram dessa urgência é o de “saber-prazer” (tradução livre do espanhol), que reivindica a primazia de um conhecimento sensível, intuitivo e sensual. Trata-se de um saber adquirido através de emoções, muitas vezes es-téticas ou sublimes, que informam a nossa experiência do mundo. <i>Paisagens Ruderais</i> escultura cinética de Juliana Julieta, composta por películas resolvidas inteiramente por fitogramas, propõe um encerramento poético para o percurso expositivo. Ao desconstruir o sistema narrativo por excelência da modernidade – o cinema – e ao reduzir ao mínimo qualquer interferência narra-tiva que se aproxime da lógica humana, a obra abre caminho para uma visão do mundo onde a natureza se assume como sujeito fa-lante, transcendendo a figura do autor ou do artista. A separação entre humano e natureza, longe de ser inevitá-vel, é uma construção social, um dispositivo que pode, tal como foi instaurado, ser desconstruído. A ecologia política e o pen-samento decolonial sugerem que outras formas de relação são possíveis, que a natureza pode ser reconhecida como sujeito e não como objeto, e que a fronteira entre o humano e o não-huma-no é menos rígida do que nos fizeram crer. O desafio, então, não é apenas recuperar a ligação perdida, mas repensar os próprios termos dessa perda. 3 2 1 4
III Vandana Shiva escreve a partir do seu contexto local na Índia, porque, embora a maioria das exposições centradas na ecologia enquadre a crise em termos globais, são, de facto, as transforma-ções locais, muitas vezes impercetíveis e cumulativas, que ante-cipam os colapsos ambientais. Um pouco por todo o planeta, pe-quenas comunidades agrícolas e semindustriais sofreram, durante o século passado, alterações nos seus modos de vida que, por um lado, contribuíram para o conforto de muitos, mas que, por outro, desencadearam consequências nefastas – hoje manifestas como problemas geológicos, ecológicos e de saúde pública. Numa dissertação académica de Maria Manuela Neiva de Melo da década de 1990, menciona-se um relatório datado de 1685, inserido num livro de visitasões pastorais da freguesia de Apúlia, referente ao período de 1680 a 1790, onde se aconse-lhava a abertura de um regueirão para travar a invasão das areias que ameaçavam as melhores terras agrícolas. O problema, longe de ser resolvido de forma definitiva, acabaria por ser enfrenta-do através da depuração da técnica de construção de massei-ras: campos criados a partir da escavação de valos rodeadas por barreiras de areia e protegidas por vinhas nos seus contornos, re-duzindo o impacto dos ventos marinhos e criando um microclima favorável ao cultivo. As masseiras eram quase exclusivamente construídas com o trabalho de mulheres e crianças, pagas à jorna a metade daquilo que recebiam os homens. Cavavam a areia, erguiam os valos, e ain-da carregavam o sargaço recolhido na praia para fertilizar o solo. O trabalho, pesado e repetitivo, prolongava-se ao ritmo dos can-tares. Hoje, as masseiras, já raras, cederam o lugar a cam-pos murados ou estufa, onde a artificialização dos ciclos natu-rais compromete a biodiversidade, altera a dinâmica dos solos e intensifica a pressão sobre os recursos hídricos, refletindo uma lógica produtiva que desconsidera os equilíbrios ecológicos que antes regulavam estas paisagens.	1. Juliette Menthonnex <i>As Três Chamas</i>, 2023 Vídeo Full HD, cor, som, 21’ 2. Mariana Vilanova <i>De Areia e Sal</i>, 2025 Instalação: vídeo FullHD, cor, som stéreo, loop, resíduos verdes 3. Joana Patrão <i>Equinócio</i>, 2025 Instalação: 3 projeções de vídeo [a) 4k, cor, som*, 4*33”; b) Full HD, s/som 10’22”; c) 4K, cor, som, 4*1”], fóssil de cordaites 4. Juliana Juieta <i>Paisagens Ruderais</i>, 2025 Instalação: fitogramas em película 16mm recorrendo a processos não tóxicos, motor, roldanas, suspensões